

Papa Leão XIV nomeia monsenhor George Luís Amaral Muniz para a diocese de Propriá (SE)



A Nunciatura Apostólica no Brasil comunicou neste sábado, 25 de outubro, a decisão do Santo Padre Leão XIV de nomear bispo da vacante diocese de Propriá, no Estado de Sergipe, o monsenhor George Luís Amaral Muniz, atualmente vigário geral e ecônomo da diocese de Viana (MA). A presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) enviou saudação ao novo nomeado:

Saudação da CNBB ao monsenhor George Luís Amaral Muniz

Estimado irmão no episcopado, monsenhor George Luís Amaral Muniz

Com alegria e gratidão a Deus, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) recebeu a notícia de sua nomeação, feita pelo Santo Padre, o Papa Leão XIV, como bispo de Propriá, em Sergipe.

Louvamos o Senhor pelo seu caminho de serviço e dedicação à Igreja, especialmente na diocese de Viana (MA), onde exerceu, com zelo e sabedoria, diversas missões pastorais e de formação presbiteral.

A Presidência da CNBB se une a você em ação de graças e eleva preces ao Espírito Santo, para que o fortaleça e o ilumine nesta nova etapa do ministério episcopal. Que seu pastoreio seja fecundo em comunhão, esperança e caridade, conduzindo o povo de Deus de Propriá com o coração de Cristo, Bom Pastor.

Conte com nossas orações, estima e fraternidade no exercício dessa nova missão a serviço do Evangelho e da Igreja no Brasil.

Com fraterna saudação em Cristo,

Cardeal Jaime Spengler - Arcebispo de Porto Alegre (RS), Presidente da CNBB

Dom João Justino de Medeiros Silva - Arcebispo de Goiânia (GO), Primeiro Vice-Presidente da CNBB

Dom Paulo Jackson Nóbrega de Sousa - Arcebispo de Olinda e Recife (PE), Segundo Vice-Presidente da CNBB

Dom Ricardo Hoepers - Bispo Auxiliar de Brasília (DF) - Secretário-geral da CNBB

Informações biográficas

Nascido em Matinha (MA), em 14 de dezembro de 1972, monsenhor George é formado em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, em Porto Alegre, e em Psicologia pelo Centro Universitário do Maranhão (UNICEUMA). Tem mestrado em Teologia Patrística e História da Teologia, pelo Instituto Patristico Augustinianum, da Universidade Gregoriana de Roma, na Itália.

Foi ordenado presbítero em 22 de dezembro de 2001, em Matinha (MA). Em sua experiência pastoral exerceu as funções de pároco e vigário em diversas paróquias entre 2001 e 2005. Foi reitor do Seminário São Bonifácio, em São Luís (MA), de 2005 a 2007; Pároco da Catedral Nossa Senhora da Conceição, em Viana (MA), de 2013 a 2019; Coordenador do Clero, de 2020 a 2024.

Além disso, já exerceu as funções de Coordenador da III Prioridade Diocesana de Liturgia e Bíblia, de 2015 a 2018; Assistente Eclesiástico da Renovação Carismática Católica, de 2002 a 2007, diocesano e regional; Promotor Vocacional Diocesano, de 2002 a 2005; Membro do Colégio dos Consultores, de 2014 a 2016; Membro do Conselho Presbiteral, de 2002 a 2005 e de 2013 a 2025.

Atualmente exerce as funções de Ecônomo Diocesano (desde 2023); Vigário Geral da diocese de Viana (desde 2025); pároco da Paróquia São José, em Penalva (MA), desde 2019; Assistente

CRB Nacional participa de solenidade de Jesus Divino Mestre

Por Neusa Santos



Neste sábado, 25 de outubro, a comunidade das Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre, em Brasília, celebrou com alegria a solenidade de Jesus Cristo Divino Mestre, Caminho, Verdade e Vida, unindo a solenidade litúrgica à recordação dos 50 anos de presença da congregação na capital federal. A celebração eucarística, presidida pelo Padre Gilmar Antônio Aguiar, sacerdote Camiliano, foi realizada na residência da comunidade religiosa e reuniu irmãs, amigos, colaboradores e membros da Família Paulina.



Durante a celebração, foi recordada a trajetória das Pias Discípulas em Brasília, marcada por cinco décadas de serviço à Igreja, por meio da adoração eucarística, da espiritualidade litúrgica e da oração pelos sacerdotes. O momento foi também uma oportunidade para renovar o compromisso da congregação com a missão de ser presença orante no coração da Igreja.

Estiveram presentes na celebração a presidente da CRB Nacional, Irmã Maria do Disterro Rocha, as assessoras dos Setores Administrativo, de Comunicação e de Projetos da Conferência, bem como outras religiosas e sacerdotes da Vida Religiosa Consagrada da Regional de Brasília. As Religiosas Paulinas, pertencentes à mesma Família Paulina, também participaram do encontro, manifestando comunhão e alegria pela celebração jubilar das irmãs.

Após a missa, houve um momento de confraternização fraterna, marcado por partilhas, cânticos e recordações da caminhada da comunidade. A superiora local, Irmã Clarinda, expressou a gratidão das irmãs pela presença fiel de Deus ao longo desses 50 anos e pelo apoio recebido de tantas pessoas e instituições.

A presidente da CRB Nacional, Irmã Maria do Disterro Rocha, manifestou o reconhecimento da Conferência pela missão das Pias Discípulas, destacando a valiosa contribuição das irmãs para a vitalidade da Vida Religiosa Consagrada no Brasil.



Fundadas pelo Beato Tiago Alberione e pela Bem-Aventurada Madre Escolástica Rivata, as Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre têm como missão central a adoração eucarística, o serviço à liturgia e o acompanhamento espiritual dos sacerdotes.

Fonte: CRB

Papa: mesmo que não tenhamos todas as respostas, temos Jesus!

O grande pensador do século XV Nicolau de Cusa foi o tema da catequese do Papa Leão na audiência jubilar deste sábado. O Cardeal alemão ensinou que esperar é “não saber” e que as oposições podem encontrar em Deus a unidade. A “douta ignorância”, da qual ele falava, representa para a Igreja de hoje acolher os clamores dos que mais sofrem e que, muitas vezes, colocam em crise o seu ensinamento. Só assim ela pode se tornar especialista em humanidade.

Bianca Fraccalvieri - Vatican News

O Papa Leão acolheu milhares de fiéis e peregrinos na Praça São Pedro para mais uma audiência jubilar deste Ano Santo. Como a cada encontro quinzenal, em sua catequese o Pontífice apresenta um modelo de esperança. Desta vez, foi Nicolau de Cusa (1401-1464), cardeal alemão e grande pensador do século XV. Humanista convicto, viveu numa época conturbada, em que não se podia ver a unidade da Igreja, abalada por correntes opostas e dividida entre o Oriente e o Ocidente. Enquanto viajava como diplomata do Papa, ele rezava e refletia. Por isso, afirma o Santo Padre, os seus escritos estão "cheios de luz".

Nicolau escolheu desde jovem frequentar quem tinha esperança, quem aprofundava novas disciplinas, relendo os clássicos e voltando às fontes. Compreendia que há opostos que devem ser mantidos juntos, que Deus é um mistério no qual o que está em tensão encontra unidade. Nicolau sabia que não sabia e, assim, compreendia cada vez melhor a realidade. O Papa Leão assim resume os seus ensinamentos: abrir espaço, manter os opostos juntos, esperar o que ainda não se vê. Para ele, inclusive, esperar é também “não saber”.



Papa saúda os enfermos ao final da audiência (@VATICAN MEDIA)

Temos Jesus!

Nicolau falava de uma “douta ignorância”, sinal de inteligência. O protagonista de alguns de seus escritos é um personagem curioso: o idiota. É uma pessoa simples, que não estudou e faz perguntas elementares aos eruditos, que colocam em crise suas certezas.

"O mesmo acontece na Igreja de hoje. **Quantas perguntas colocam em crise o nosso ensinamento!** Perguntas dos jovens, perguntas dos pobres, perguntas das mulheres, perguntas daqueles que foram silenciados ou condenados por serem diferentes da maioria", comentou o Papa. Para o Pontífice, estamos num tempo abençoado por termos tantas perguntas. Assim, a "Igreja torna-se especialista em humanidade, se caminha com a humanidade e tem no coração o eco das suas perguntas."

Mesmo que não tenhamos as respostas para todas as perguntas, prosseguiu Leão XIV, "temos Jesus. Seguimos Jesus. E então esperamos o que ainda não vemos". "Entremos como exploradores no mundo novo do Ressuscitado", concluiu o Papa.

"Jesus nos precede. Aprendamos, avançando um passo após o outro. É um caminho não só da Igreja, mas de toda a humanidade. Um caminho de esperança."

Fonte: Vatican News

Leão XIV e primeiro-ministro do Líbano: em pauta, a viagem ao país em 30 de novembro

O encontro com Nawaf Salam, que estava acompanhado do vice-primeiro ministro do Líbano, Tarek Mitri, foi na manhã deste sábado (25/10), no Vaticano. Na pauta com a Secretaria de Estado, "a expectativa comum pela viagem apostólica do Santo Padre Leão XIV ao Líbano, de 30 de novembro a 2 de dezembro de 2025".

Andressa Collet - Vatican News



Na manhã deste sábado (25/10), o Papa Leão XIV recebeu no Palácio Apostólico o primeiro-ministro do Líbano, Nawaf Salam, que estava acompanhado do vice-primeiro ministro Tarek Mitri. Segundo um comunicado da Sala de Imprensa da Santa Sé, em seguida teve audiência com o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado da Santa Sé, e com o secretário para as Relações com os Estados e as Organizações Internacionais, o arcebispo Paul Richard Gallagher.



O encontro do primeiro-ministro do Líbano na Secretaria de Estado (@VATICAN MEDIA)

De acordo com o comunicado oficial, durante as conversas cordiais na Secretaria de Estado, foram enaltecidas "as boas relações bilaterais e foi manifestada a expectativa comum pela viagem apostólica do Santo Padre Leão XIV ao Líbano, de 30 de novembro a 2 de dezembro de 2025". Em seguida, foram destacadas "as esperanças depositadas pelo povo libanês no processo de reformas e estabilização do país e se estendeu ao contexto regional, com o desejo comum de que se chegue logo a uma pacificação plena de todo o Levante".

Fonte: Vatican News

Jubileu das equipes sinodais: converter as relações para sermos “uma coisa só”

Na Aula Paulo VI, algumas intervenções precederam o encontro com o Papa nesta sexta-feira (24/10). Cardeal Grech: olhar com esperança para “o que será”. Cardeal Rys: superar as tensões reveladas pela sinodalidade. De Salis Amaral: ninguém é “autossuficiente” na Igreja. Mariana Venâncio do Brasil: denunciar as causas que perpetuam o “abismo” entre os grupos sociais.



A brasileira Mariana Venâncio (a primeira da mesa) ao fazer a sua intervenção antes do encontro com o Papa

Um olhar cheio de esperança, voltado para “o que será” na esteira da sinodalidade. Além de suas tensões, entre “eu e nós”, “unidade e uniformidade”, “preservação e missão”. Por uma autêntica “conversão das relações”, que se torna “profecia social”, na denúncia do “abismo entre os grupos sociais” e acende o chamado de Jesus: “ser uma coisa só”. Esses são alguns dos temas aprofundados durante as intervenções introdutórias do Jubileu das Equipes Sinodais e dos Órgãos de Participação nesta sexta-feira, 24 de outubro, na Sala Paulo VI. Entre os palestrantes, o cardeal Mario Grech, secretário-geral da Secretaria Geral do Sínodo; o cardeal Grzegorz Ryś, arcebispo de Łódź, na Polônia; Miguel De Salis Amaral, português, professor extraordinário de Eclesiologia na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade da Santa Cruz; Mariana Aparecida Venâncio, assessora de Comissão para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB e membro da Equipe Nacional de Animação do Sínodo no Brasil. As intervenções foram moderadas pelo bispo agostiniano Luis Marín De San Martín, subsecretário da Secretaria Geral do Sínodo.

Cardeal Grech: esperar, enraizados em Jesus

Na saudação, o cardeal Grech lembrou *O Portal do Mistério da Esperança*, de Charles Péguy, recordando a visão que o autor deu das três virtudes teológicas: “a fé vê o que é, a esperança vê o que será e o amor vê o que é”. Uma bússola, uma arquitetura espiritual para “reimaginar” como a Igreja “ouve, discerne e caminha junto”. O amor, na visão do secretário-geral da Secretaria do Sínodo, não é apenas “emoção”, mas a postura com que “habitamos” a Igreja: ela não espera a perfeição, mas escolhe acolher a realidade “tal como é”. É a “decisão de permanecer presente”, sinal de uma maturidade espiritual que reconhece que a unidade não coincide com a uniformidade. O amor — continuou Grech — anda de mãos dadas com a fé, lente através da qual, na Igreja, “vemos algo mais do que humano, algo divino”. Não se trata de “otimismo cego”, mas de uma visão clara da realidade, que no caminho sinodal tem início na escuta radical do clamor daqueles que, na sociedade atual, vivem à margem. Em terceiro lugar, a esperança. Péguy a insere na visão comum do futuro como “garantia” do que está por vir, enraizada “na pessoa de Jesus Cristo e na certeza do que Deus prometeu a Ele”. A esperança requer, portanto, uma atitude de “deixar ir”, de trabalhar “sem possuir o que construímos”. Olhamos para o futuro com confiança — acrescentou o cardeal — não porque já vislumbramos os resultados, “mas porque encontramos aquele que tem o futuro nas mãos”. Um conceito fundamental para compreender o processo sinodal: “muito foi feito”, mas o trabalho que resta continua com humildade. “Fizemos a nossa parte, o resto está nas mãos de Deus”. Como lembrava Péguy a esse respeito, “a esperança ama o que ainda está por vir”.

Ryś: tornar-se “Igreja pobre para os pobres”

O cardeal Ryś centrou a intervenção nas tensões “reveladas” pela sinodalidade, identificando três principais. A primeira diz respeito à dicotomia entre o “eu” e o “nós”. A sinodalidade convida a uma “conversão relacional”, mas o mundo teme justamente as relações mais verdadeiras e duradouras. O único vínculo que se compreende parece ser o competitivo — “Eu tenho o que você não pode ter!”. O segundo ponto de tensão é entre unidade e uniformidade. Por um lado, a Igreja é comunhão; por outro, a “tentação” da homologação torna-se semente de divisão, incapaz de abraçar os ideais de “diversidade e variedade”. Santo Agostinho e São Francisco de Sales, lembrou Ryś, comparavam a

Igreja a um jardim exuberante de flores diferentes. Não são, portanto, as diversidades que dividem, mas o orgulho e o abuso de poder. Nesse sentido, a sinodalidade é um “remédio” que prescreve a escuta e a troca de dons espirituais. Daí deriva a terceira tensão: entre preservação e missão. A sinodalidade é o rosto de uma “Igreja em saída”, aberta a “todos, todos, todos”, como afirma o Papa Francisco. Para abraçar toda a família humana, a comunidade eclesial é chamada a uma nova identidade: livrar-se de “estruturas sofisticadas” para se tornar verdadeiramente “a Igreja pobre para os pobres”.

De Salis Amaral: sacerdócio ministerial e comum são interdependentes

O professor De Salis Amaral falou aprofundadamente sobre o conceito de “conversão das relações”, mencionado pelo cardeal Ryś. Não se trata de um “simples convite a amar-nos uns aos outros” — o que correria o risco de reduzir a mensagem a um moralismo superficial —, mas de um apelo a redescobrir o significado mais profundo da sinodalidade. O professor português indicou alguns possíveis passos em frente, baseados nas relações que brotam dos sacramentos, do vínculo “que o próprio Deus estabeleceu entre nós e Ele”. Em primeiro lugar, o Batismo, relação filial e fraterna que chama cada um, “nos capacita e nos torna responsáveis”, tornando-se o mais essencial na vida da Igreja. Depois, a Ordem, serviço “específico” orientado para o “crescimento dos outros como discípulos missionários”. A salvação — afirmou De Salis Amaral — não nasce de um conhecimento pessoal, “como sustenta a gnose antiga e moderna”, mas provém do exterior: “é um dom que nos chega através da Palavra ouvida na fé: *fides ex auditu*”. O sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis permanecem em orientação recíproca, tornando ninguém “autossuficiente” dentro da comunidade eclesial. Um conceito que, na visão do professor, merece ser redescoberto e aprofundado, pois a estrutura da Igreja deve se basear na vitalidade desses laços, sem se reduzir a uma mera “organização”. O sacerdócio ministerial e o comum se fundam, portanto, em uma interdependência que, viva e operante no tempo, participa da unicidade de Cristo.

Mariana Venâncio: a sinodalidade como antídoto para ao “espinho das polarizações”

“Uma Igreja sinodal é como um estandarte erguido entre as nações”. A partir dessa afirmação do Papa Francisco, desenvolveu-se a reflexão da brasileira Mariana Venâncio, que retomou também o [Documento Final da última Assembleia dos Bispos](#), onde a sinodalidade é definida como “profecia social”. Ela não representa apenas uma estrutura da Igreja, mas também seu *modus vivendi et operandi*. Passar do “eu” para o “nós eclesial” significa propor um modelo de comunidade inspirado nos primeiros apóstolos, em um clima de “reciprocidade e gratuidade” que já se torna profecia na sociedade individualista e de “relações líquidas”.

Venâncio citou o caso do seu país, o Brasil, onde muitas pessoas — na primeira fase do Sínodo — declararam ter se sentido “ouvidas pela primeira vez” pela Igreja. Essa é também uma forma de combater “a ditadura da economia que mata”, denunciada tanto pelo Papa Francisco quanto pelo Papa Leão XIV em sua Exortação Apostólica *Dilexi te*. O diálogo sinodal, além disso, apresenta-se como um antídoto para o “espinho das polarizações” que atravessa a Igreja e a sociedade. “É possível ouvir e estabelecer diálogos fecundos que não uniformizam, mas unem pensamentos e posições diferentes em nome do princípio fundamental segundo o qual a unidade prevalece sobre o conflito”. Tudo isso deve levar também a denunciar “as causas estruturais que perpetuam o abismo entre os grupos sociais, contra a ganância que se insinua nos poderes públicos e contra a passividade diante das desigualdades, dos preconceitos e das segregações”. Em conclusão, a Igreja é chamada a receber um novo impulso da centralidade do anúncio, do *kerygma*, tornando a sinodalidade um modelo do próprio ser da Igreja: resposta viva ao chamado de Jesus para ser “uma coisa só”.

Fonte: Vatican News

Jubileu das Equipes Sinodais: o Sínodo é um grande desafio para a Igreja

O coordenador da Cáritas para a América Latina e Caribe, Nicolás Mayer, que participa do Jubileu das Equipes Sinodais no Vaticano, faz um balanço sobre as indicações da Assembleia dos Bispos do México, do ponto de vista da missão do organismo caritativo.

Johan Pacheco – Vatican News



O Jubileu das Equipes Sinodais, que se realiza no Vaticano até este domingo, 26 de outubro, reúne grupos de diferentes partes do mundo, que caminham no espírito da sinodalidade. Em entrevista à mídia vaticana, Nicolás Meyer, coordenador da Cáritas para a América Latina e Caribe, que participa deste evento jubilar e sinodal, faz um balanço sobre a vida da Igreja em toda a região, a partir da própria experiência da Cáritas.

Em sua entrevista, Nicolás Meyer afirma: “Estamos profundamente envolvidos nesta agenda sinodal, ou melhor, neste processo, porque, desde o início, o Papa Francisco a apresentou como um processo e não como um evento eclesial destinado a terminar. De fato, trata-se de um processo de conversão, mudança e transformação. A palavra experimentação, que, através do último Documento de Orientações da Cáritas, chamou a nossa atenção, facilita e delinea o caminho do Documento Final do Sínodo. Como Igreja, temos que experimentar novas formas de conexão, novos significados, novos mecanismos de trabalho e até novos processos, procedimentos e novas estruturas”. O coordenador da Cáritas para a América Latina e Caribe expressou sua satisfação pelo acompanhamento sinodal do Sucessor de Pedro: “Ficamos muito felizes que o Papa Leão tenha conseguido dar continuidade à proposta de Francisco, que demonstra ser uma decisão magistral, para além da pessoa, que encarna a figura do Pontífice em cada momento da história. É o nosso Papa que continua a nos encorajar e convidar a viver este momento com ele”.

O Sínodo, uma voz forte

Nicolás Meyer recorda também: “O Sínodo foi uma voz que ressoou fortemente em sua região, onde todos a receberam como sua própria voz. Creio que, desde a nossa última Conferência em Aparecida e, depois, no México, na Assembleia Eclesial de todo o continente, - durante a pandemia da Covid-19, - os aspectos propostos pelo Sínodo tiveram ampla repercussão. Por isso, todos — Igrejas locais, conferências episcopais, dioceses — formaram equipes para trabalhar juntos e entender como dar continuidade às suas diretrizes”. Nicolás Meyer acrescenta ainda: “Há uma grande vitalidade, um grande compromisso com este processo sinodal, que devemos continuar a revitalizar. Não devemos nos satisfazer com expressões, que nos parecem belas e sensatas, mas que, depois, não sejam traduzidas na prática e não transformem a vida concreta das comunidades eclesiais”.

Dilexi te, o carinho de Deus aos mais necessitados

Em relação à resposta sinodal da Cáritas na América Latina, Nicolás Meyer destaca: “Ela tem tudo a ver com a capacidade da Igreja de levar o carinho de Deus aos mais necessitados, os que mais sofrem; em particular, a realidade da migração, o tráfico de pessoas e os refugiados, mas, também dos meios de subsistência da população, o emprego, a resposta à pobreza estrutural e até a gestão das emergências, uma forte necessidade exigida pela sociedade, neste momento de crise ambiental, devido às mudanças climáticas”.

Trabalhar com os pobres e os excluídos

O coordenador da Cáritas para a América Latina e Caribe, Nicolás Meyer, também acredita que a exortação apostólica do Papa Leão XIV, “*Dilexi te*”, sobre o amor aos pobres, refere-se incisivamente “sobre a nossa tarefa, o nosso serviço de sermos a missão evangelizadora da Igreja através da pastoral social”. Esta Exortação reveste-se de muito sentido, não apenas neste momento histórico, mas é um resumo de João Paulo II, Bento XVI, o ensinamento de Francisco e, agora, a preciosa contribuição de Leão XIV. Eis a voz da Igreja, o ensinamento social da Igreja, que transcende momentos da história e também momentos eclesiais, nos leva a retornar à raiz evangélica, segundo a qual os pobres são a

presença de Deus entre nós; ela nos lembra que os pobres nos evangelizam como Igreja, eles são uma parte viva que a Igreja deve acolher e abraçar; lembra-nos também que não trabalhamos para os pobres, mas com eles, ao lado deles, para a sua promoção, seu desenvolvimento, criando estruturas justas, diante de tantas injustas, que sobrevivem por causa de um pecado estrutural”. Por fim, ao falar sobre o Jubileu, Nicolás Meyer, acredita que “a esperança, o coração do Ano Santo deve ser uma realidade encarnada e palpável, não apenas um discurso, uma narrativa ou um desejo. Devemos ser capazes de demonstrar que a esperança está presente em comunidades concretas. Eis o enorme desafio para a Caritas: trabalhamos muito com dor e sofrimento, mas sabemos que, através deles, Cristo está presente e transforma nossas realidades: partindo dos corações até às estruturas”.

Fonte: Vatican News

O caminho das religiões e as sementes de esperança para celebrar “Nostra Aetate”

O programa do evento "Caminhar juntos com Esperança", apresentado na Sala de Imprensa da Santa Sé, será realizado nesta terça-feira, 28 de outubro, na Sala Paulo VI, por ocasião do aniversário de 60 anos da declaração do Concílio Vaticano II sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. Está prevista a participação de 3 mil representantes de confissões religiosas do mundo, 5 apresentações artísticas, 3 testemunhos e um discurso de Leão XIV, antes da oração silenciosa pela paz.

Alessandro Di Bussolo – Vatican News



O primeiro momento da comemoração do 60º aniversário da Declaração conciliar *Nostra Aetate*, sobre as “Relações da Igreja com as Religiões não- Cristãs, que terá como tema "Caminhar juntos com Esperança", será a entrada solene, na Sala Paulo VI, de oitenta representantes das principais religiões, do Judaísmo ao Islamismo, do Hinduísmo às religiões tradicionais africanas, acompanhados por um numeroso grupo de crianças. No dia 28 de outubro, aniversário do documento conciliar, das 18h30 às 20h30, o evento será encerrado com um discurso do Papa Leão XIV e uma oração silenciosa dos três mil participantes. Antes da conclusão, as crianças distribuirão a todos saquinhos de sementes, que representam as "sementes de esperança", plantadas há 60 anos, “que, hoje, devem ser continuadas a ser semeadas, como incentivo, sobretudo, aos jovens, a se tornar novos semeadores de paz e diálogo”.

Arcebispo Pace: pensado ao judaísmo, expandiu-se entre todas religiões

Mons. **Indunil Janakarathne Kodithuwakku Kankanamalage**, secretário do Dicastério para o Diálogo Inter-religioso, apresentou, na Sala de Imprensa da Santa Sé, dois momentos mais significativos do evento comemorativa. Antes de tudo, definiu assim a Declaração conciliar: "Um texto curto, mas revolucionário, que mudou a atitude, a linguagem e o comportamento da Igreja Católica em relação às outras religiões; lembra-nos os raios daquela Verdade, que ilumina todos os homens, que se encontram também em outras confissões religiosas.

Por sua vez, o arcebispo **Flavio Pace**, secretário do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos e vice-presidente da Comissão para as Relações Religiosas com os Judeus, recordou: “*Nostra Aetate* foi concebida, inicialmente, para tratar apenas sobre tais relações, mas, depois, foi dotada de uma perspectiva mais ampla". E acrescentou: “Hoje, os judeus afirmam que o documento marcou uma mudança epocal, pois, ser considerado pelos cristãos como suas raízes próprias é uma revolução cultural". Com efeito, em seu quarto ponto, a Declaração “condena toda e qualquer forma de antissemitismo”, bem como "todo tipo de perseguição contra qualquer pessoa”.

Kankanamalage: mais de 3 mil representantes das religiões do mundo

A parábola que o Senhor nos relata neste domingo fala de dois homens que vão rezar no Templo de Jerusalém. Os dois são filhos de Deus e os dois sentiram um apelo à oração, por isso podemos dizer que foram chamados a se encontrar com Ele.

Mas quem são esses homens? Um é fariseu, pessoa voltada ao cumprimento da Lei, a fazer um enorme esforço para sempre estar de acordo com o que Deus pedia. O outro, um publicano, alguém pertencente a um grupo de má fama, um homem de má fama.

O primeiro era uma pessoa honesta e íntegra. Fazia até mais do que era prescrito. Contudo, isso lhe provocava um certo orgulho, uma certa vaidade e, ao mesmo tempo, um desprezo pelos pecadores.

O segundo, o publicano, era um esperto cobrador de impostos, oprimia os pobres e, para se redimir, deveria pagar uma soma exagerada, praticamente impossível.

No entanto, o Senhor diz que a oração do publicano foi ouvida e a do fariseu, não. Por que?

Com esta parábola, o Senhor não deseja dar lição de moral, de mostrar quem está certo ou errado, mas o Mestre quer nos instruir no relacionamento com Deus

A grande falha do fariseu foi atribuir sua vida honesta e seus atos corretos a si mesmo, como mérito seu, e apresentá-los como dignos de justificação. Deus não deveria fazer nada mais do que elogiar os atos do fariseu e lhe dar o prêmio merecido com sua atitude de homem do bem. Era esse o pensamento do fariseu. Ele não pede a Deus uma justificação, uma redenção, mas um reconhecimento. Ele se esqueceu que foi Deus quem o conduziu pelo bom caminho e lhe proporcionou fazer o bem e viver com dignidade.

Quanto ao publicano, ele se apresenta de modo humilde, sabendo de suas imperfeições e confiando na misericórdia e na graça de Deus. Ele não se desculpa, mas sabe que Deus tem um coração enorme, que é Pai, que é Amor.

Jesus deseja que nós purifiquemos nossa visão de Deus. Ele não é um contador bancário e nem um entregador de prêmios.

Jesus não quer que sejamos soberbos e nem tenhamos posicionamentos egocêntricos, colocando o acento em Nós e não no Pai. Se somos bons, se cumprimos os mandamentos e fazemos o que nos pede o Evangelho, é porque Deus nos deu sua graça.

Jesus é contra o grupo dos bons verso o grupo dos maus. Ele morreu por todos e não lhe agrada que nos sintamos especiais e desprezemos os outros. E por falar na morte de Jesus, ele escolheu morrer entre dois ladrões. Um ciente de ser pecador e culpado de seus crimes, se reconheceu em débito com Deus, mas absolutamente confiante na misericórdia divina. O outro, não só não estava arrependido, mas desafiou Jesus a largar a cruz e salvá-los.

Tenhamos sempre a atitude humilde de saber que, por mais que nos esforcemos, jamais seremos perfeitos e tudo o que fizermos de bom será realizado com a ajuda da graça de Deus.

Fonte: Vatican News

Por que é histórico o Papa Leão XIV e o Rei Charles rezarem juntos?

A oração, mais do que palavras, é uma linguagem universal que reconcilia o que a história desfez. Ela tem o poder de transformar os corações



Foto: Vatican News/ Facebook

Há certas situações que, à primeira vista, parecem se limitar a apenas gestos protocolares, atos corteses de estadistas ou líderes religiosos. Mas há também acontecimentos – antecedidos por séculos de história, feridas antigas e esperanças adormecidas – capazes de suspender o tempo, criando um instante de reconciliação. O encontro entre o Papa Leão XIV e o Rei Charles III insere-se nesta segunda categoria.

Pela primeira vez, desde a Reforma, um monarca britânico se uniu em oração com o sucessor de Pedro – um gesto simples e breve, mas com um significado simbólico incalculável. Há mais de quatro séculos, a Inglaterra havia se afastado de Roma, e a lembrança de um cisma profundo, banhado de sangue e poder, deixou marcas em gerações de católicos perseguidos e de protestantes convictos de sua ruptura. Agora, sob a luz discreta de uma capela vaticana, uma nova imagem se grava na memória cristã: o Rei e o Papa, juntos, rezando pela criação e pela unidade dos cristãos.

Esta notícia, divulgada pela *Gaudium Press*, não se limita a descrever uma visita de Estado; é um sinal, quase profético, de que o tempo das distâncias começa a ceder espaço ao do reencontro. Como assinalado em artigo anterior, a visita dos monarcas britânicos ao Vaticano ocorre num contexto de “reavivamento do catolicismo no Reino Unido”, o que já confere ao evento uma conotação espiritual mais profunda do que diplomática.

O encontro, portanto, não foi mero cumprimento de agenda, mas expressão de uma nova sensibilidade que começa a despontar em terras outrora marcadas pela desconfiança mútua. Se, no passado, o trono inglês representou o símbolo mais visível da separação, agora parece mover-se, ainda que timidamente, em direção a Roma.

O fato de a oração conjunta ter como tema central a ecologia poderia, à primeira vista, parecer de importância secundária frente ao peso histórico do encontro. Entretanto, é precisamente nesse detalhe que reside a sabedoria do gesto. O cuidado com a criação, tema caro ao Papa Leão XIV, enraizado no magistério ecológico de seus predecessores, tornou-se o terreno neutro onde ambos puderam se encontrar.

Em um contexto de polarizações doutrinárias e tensões teológicas, a ecologia se apresenta como um ponto de convergência, onde diferentes confissões podem compartilhar uma linguagem comum de responsabilidade diante do Criador. O Rei Charles, conhecido há décadas por seu engajamento ambiental, e o Papa Leão XIV, cuja visão espiritual da criação recupera o sentido teológico da natureza como reflexo da glória divina, encontraram nesse tema o eixo para uma oração conjunta. Não se trata evidentemente de unidade de fé nem de comunhão sacramental, mas de um passo significativo — talvez o único possível neste momento histórico — rumo à reconciliação entre irmãos separados.

Há, no gesto, uma carga simbólica litúrgica. Após séculos em que as orações de Londres e Roma se erguiam como vozes distintas, marcadas por um eco de distância, agora ressoam unidas por um mesmo apelo: o de preservar a casa comum e redescobrir, sob o mesmo céu, a filiação ao mesmo Deus. É como se a oração, mais que as palavras, servisse de linguagem universal capaz de restaurar o que a história desfez. O Rei e o Papa, diante do altar, representaram mais que suas instituições: duas tradições de fé que, embora separadas, ainda compartilham a mesma origem apostólica.

O encontro é também expressão de um fenômeno mais amplo: o renascimento do catolicismo britânico. Nos últimos anos, a Inglaterra testemunha um discreto e constante retorno de jovens e intelectuais ao seio da Igreja Católica. Em meio a uma sociedade cada vez mais secularizada, o catolicismo ressurgiu como refúgio espiritual e fonte de sentido. É nesse contexto que o gesto do Rei adquire ressonância. Embora ele não mude o estatuto da Igreja da Inglaterra — nem poderia —, seu gesto projeta uma mensagem de abertura, um convite à redescoberta das raízes espirituais da cristandade europeia. O monarca, ainda que limitado institucionalmente, torna-se instrumento de um diálogo possível. Sua oração com o Papa, portanto, transcende o gesto pessoal e se converte em símbolo nacional.

No Vaticano, a liturgia comum centrou-se em passagens bíblicas que celebram a criação e o dever humano de protegê-la. Não houve declarações conjuntas de natureza doutrinária, nem poderia haver. O cerne do encontro foi a oração — silenciosa, reverente, densa. Em tempos de palavras vazias, talvez a oração seja o gesto mais eloquente. Leão XIV, fiel ao seu estilo sereno e contemplativo, enfatizou que “quem reza diante do Criador reconhece sua própria pequenez e a fraternidade de toda criatura”. Essa frase sintetiza a essência do encontro: rezar juntos não apaga as diferenças, mas suspende, por um instante, as distâncias.

A história das relações entre Roma e Londres é marcada por avanços e recuos, esperanças e desilusões. Desde o encontro entre Paulo VI e o Arcebispo Ramsey em 1966, seguido pelos diálogos teológicos e pelas visitas de João Paulo II e Bento XVI ao Reino Unido, construiu-se lentamente um caminho de aproximação. Porém, nenhum desses episódios tinha ainda reunido o Papa e o Rei — o sucessor de Pedro e o herdeiro de Henrique VIII — em um ato conjunto de oração. Por isso, o acontecimento atual adquire dimensão histórica. Pela primeira vez, o símbolo máximo da monarquia inglesa se ajoelha, em comunhão espiritual, com o Bispo de Roma. É como se uma ferida de centenas de anos se deixasse, por um breve momento, tocar pela graça.

Há, contudo, quem veja com cautela tal gesto. Alguns analistas advertem que o uso da ecologia como ponte pode reduzir o diálogo cristão a uma causa social, diluindo a dimensão sobrenatural da fé. De fato, há esse risco. A ecologia, quando desligada de seu fundamento teológico, pode se transformar em ideologia verde, desprovida de transcendência. No entanto, o que se viu no Vaticano pareceu ter evitado essa armadilha. O tema ambiental foi tratado como expressão da teologia da criação, um louvor ao Criador e reconhecimento do homem como guardião do dom recebido. Sob esse prisma, o encontro foi genuinamente espiritual, não político.

O Rei Charles, por sua vez, traz em sua trajetória pessoal uma curiosa sensibilidade religiosa. Em diversas ocasiões, manifestou admiração pela tradição católica, por seu senso de beleza litúrgica e continuidade histórica. Embora permaneça firmemente no seio da Igreja da Inglaterra, o monarca tem se mostrado aberto a uma visão mais universal do cristianismo. Sua oração ao lado do Papa Leão XIV reflete essa abertura e, talvez, um desejo íntimo de reconciliação entre os ramos de uma mesma árvore espiritual. Não é uma conversão, mas é um gesto que a prefigura.

Do lado católico, Leão XIV tem se destacado por uma diplomacia de gestos simbólicos. Seu pontificado, ainda recente, é marcado por uma tentativa de restaurar o equilíbrio entre fidelidade doutrinal e sensibilidade pastoral. Ao receber os monarcas britânicos, o Papa não buscou protagonismo político, mas ofereceu hospitalidade espiritual. A oração conjunta foi sua forma de dizer que a Igreja continua sendo casa de todos os batizados, mesmo daqueles que, por circunstâncias históricas, se afastaram de sua comunhão visível. Ao escolher o tema da ecologia, o Papa quis falar não de política, mas de criação; não de acordos, mas de conversão; não de tolerância, mas de fraternidade na fé.

Não se pode, é claro, ignorar as diferenças teológicas e eclesiológicas que permanecem. Elas são reais, exigem décadas de diálogo e graça para a sua superação. Todavia, algo já começa a mudar: o olhar. Durante muito tempo, Roma e Londres se olharam com desconfiança. Agora, aprendem a se reconhecerem como partes de uma mesma cristandade ferida. Essa mudança de perspectiva representa o primeiro passo para qualquer reconciliação. A oração, mais que documentos e declarações, tem o poder de transformar os corações.

O futuro revelará o alcance desse gesto; talvez seja apenas uma faísca simbólica, um prenúncio de algo maior. Mas a história da Igreja ensina que grandes reconciliações começaram com pequenos sinais.

Por Rafael Tavares

Fonte: Gaudium Press

-----.